



Operação Compliance Zero

Caso Master derruba líder do governo Lula

Após reunião com o presidente, Jaques Wagner deixa a liderança no Senado e diz que vai trabalhar para provar sua inocência. Saída ocorre dias depois de o parlamentar ser alvo de operação da PF que investiga as fraudes do banco de Daniel Vercaro

» VANILSON OLIVEIRA
» ALÍCIA BERNARDES

O senador Jaques Wagner (PT-BA) anunciou ontem seu afastamento da liderança do governo no Senado. A decisão foi tomada após encontro com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no Palácio da Alvorada, em Brasília.

Na semana passada, Wagner foi alvo de busca e apreensão da Polícia Federal na nona fase da Operação Compliance Zero, que investiga as fraudes do Master. As suspeitas são de que ele recebeu benefícios indevidos de alto valor, como um apartamento avaliado em R\$ 2,4 milhões, ingressos para shows internacionais, voos em aeronaves privadas e pagamentos de R\$ 3,5 milhões a empresas ligadas ao seu núcleo familiar. Em contrapartida, trabalhava pelos interesses do dono do banco, Daniel Vercaro, no Congresso Nacional.

Por meio de uma publicação no X (antigo Twitter), o senador declarou que, em uma “conversa entre amigos, decidimos, em comum acordo, que me afastarei da liderança do Governo no Senado Federal”.

Em seguida, afirmou que pretende concentrar esforços em sua defesa e no apoio à reeleição do chefe do Executivo. “Neste momento, minha prioridade absoluta é provar minha inocência e me dedicar à reeleição do presidente Lula”, escreveu.

Após a operação da PF, Wagner afirmou que não pretendia deixar a liderança do governo no Senado e que só o faria caso Lula pedisse. Também contou ter conversado por telefone com o presidente, que teria se solidarizado com ele.

No entanto, a pressão de aliados do Planalto e a necessidade de afastar o governo da crise envolvendo o Banco Master acabaram prevalecendo.

Mesmo sem se pronunciar oficialmente sobre o senador ou sobre a operação da PF, nos últimos meses Lula vinha afirmando que todos os envolvidos no caso Master deveriam ser investigados e, se comprovadas irregularidades, punidos.

Paula Fróes/Flickr



Wagner disse que, “em conversa entre amigos”, foi decidido, “de comum acordo”, o afastamento dele

O encontro de ontem foi o primeiro entre os dois depois da ação da PF. Antes da reunião com o chefe do Executivo, Wagner vinha intensificando as articulações para permanecer na liderança do governo, principalmente junto ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), que se manifestou publicamente em

defesa do colega. A estratégia seria que o parlamentar baiano promoveria uma aproximação entre Lula e o presidente do Congresso.

A expectativa de um encontro entre Wagner e Alcolumbre circulou ao longo do dia entre integrantes do governo e parlamentares da base. No entanto, a reunião não ocorreu.

Busca e apreensão

Na operação da semana passada, agentes apreenderam, no apartamento do parlamentar, US\$ 49 mil, cerca de R\$ 250 mil em espécie, além de relógios de luxo.

Na ocasião, Wagner disse à imprensa que os valores encontrados

Memória

Amigos de longa data

O senador Jaques Wagner é um dos mais longevos aliados políticos de Lula em Brasília. Amigos desde a década de 1970, eles são oriundos do movimento sindical — Lula, dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP), e Wagner, dos trabalhadores da indústria petroquímica da Bahia.

Jaques Wagner foi ministro do Trabalho e das Relações Institucionais no primeiro mandato de

Lula. Em 2006, foi eleito governador da Bahia. Em 2010, reelegeu-se e conseguiu fazer seu sucessor em 2014: Rui Costa.

Wagner foi ministro da Casa Civil da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e chegou a entregar o cargo em 2016 para que Lula fosse nomeado em seu lugar — o que acabou impedido pelo ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF).



Neste momento, minha prioridade absoluta é provar minha inocência e me dedicar à reeleição do presidente Lula e do governador Jerônimo, além da minha reeleição junto com Rui Costa para o Senado”

Jaques Wagner, senador

em sua casa são referentes às diárias pagas pelo Senado, fato que, segundo ele, pode ser comprovado pela própria Casa. Ele explicou que viajou diversas vezes ao exterior e que, de 2019 até o momento, recebeu aproximadamente R\$ 70 mil em diárias.

Segundo ele, parte do dinheiro encontrado em seu cofre é proveniente dessas diárias, que muitas vezes não são totalmente gastas durante as viagens, enquanto outra parte foi comprada legalmente no Brasil. O parlamentar garantiu que, em Brasília, as diárias em espécie, pagas em dólar, são entregues em envelopes com o timbre do Senado Federal.

Sobre o apartamento, Wagner alegou ter pedido ajuda ao empresário Augusto Lima para adquirir o imóvel, destinado à filha, enquanto o prédio ainda estava em construção. Posteriormente,

conforme ressaltou, faria a recompra do imóvel. “Eu teria que vender o apartamento da minha filha para poder complementar e pagar o apartamento, ou ela financiar. Então, não tem nenhuma transferência de patrimônio para mim”, sustentou. Lima, ex-sócio do dono do Master, Daniel Vercaro, também foi alvo da PF na semana passada.

Na última segunda-feira, a defesa de Wagner acionou o Supremo Tribunal Federal (STF), pedindo a anulação da operação policial. No despacho, os advogados alegam que a medida contém “erros graves” e afirmam que o parlamentar não atuou no Congresso para beneficiar Daniel Vercaro ou o Banco Master.

Para o posto de líder do governo no Senado, um dos nomes cotados é o do senador Camilo Santana (PT-CE), ex-ministro da Educação.

ELEIÇÕES

Presidente mira São Paulo e Minas

» VANILSON OLIVEIRA
» EDUARDA ESPOSITO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve um dia de importantes decisões sobre palanques para as eleições deste ano. Pela manhã, reuniu-se com a presidente do PT de Minas Gerais, a deputada estadual Leninha, além de representantes da direção nacional do partido. À tarde, recebeu o ex-ministro da Fazenda e pré-candidato ao governo de São Paulo, Fernando Haddad (PT), e o ex-ministro do Empreendedorismo Márcio França (PSB), para discutir a formação do palanque no estado.

Sobre Minas, ficou decidido que o partido terá candidatura própria

na disputa pelo governo. O anúncio do nome escolhido deverá ser feito nos próximos dias. Por nota, a deputada e presidente da sigla afirmou que a decisão ocorreu em comum acordo, após reunião da bancada federal mineira e integrantes da direção nacional da sigla.

“O entendimento construído coletivamente reafirma uma resolução decidida há um mês de que o Partido dos Trabalhadores vai apresentar uma candidatura própria em Minas Gerais. As definições sobre esse projeto serão construídas nos próximos dias, a partir do diálogo entre o partido e as forças políticas comprometidas com um projeto democrático e popular para o estado”, afirmou.

Paulo Pinto/Agência Brasil



Haddad discutiu com Lula as eleições ao governo de São Paulo

Antes da decisão, a legenda tinha como estratégia apoiar a eleição do senador Rodrigo Pacheco, mas os parlamentares desistiu de disputar um novo cargo

político. O presidente nacional do PT, Edinho Silva, ainda tentou construir alianças com lideranças mineiras, mas não chegou a um acordo.

Nos bastidores, o PT tentará vencer a ex-prefeita de Contagem Marília Campos, que pretende disputar uma vaga ao Senado, a concorrer ao governo de Minas. Na semana passada, o partido recebeu o resultado de uma pesquisa que testou nomes como os dos deputados Rogério Correia e Reginaldo Lopes.

A tarde, por volta das 17h, Lula recebeu Haddad e França para discutir as eleições em São Paulo. Com a desistência de dois pré-candidatos ao Palácio dos Bandeirantes — Kim Kataguiri (Missão) e Paulo Serra (PSDB) —, PT e PSB passaram a divergir sobre o papel de Márcio França na disputa estadual.

Enquanto os petistas avaliam que o ex-ministro do Empreendedorismo teria melhor desempenho como candidato a vice na chapa de Haddad, integrantes do PSB defendem o lançamento de França como candidato ao governo paulista, apresentando uma alternativa de centro para a disputa.

O PT entende que França teria dificuldades para se consolidar como terceira via e que poderia agregar votos de centro ao palanque de Haddad. Já o PSB avalia que sua candidatura ofereceria um segundo palanque para Lula em São Paulo, com perfil menos polarizado e maior capacidade de atrair eleitores moderados.

Contudo, a legenda aceita a decisão de Lula, mas desejava apresentar seus argumentos antes da definição final. A expectativa nos bastidores era de que o encontro ajudasse a consolidar os rumos da disputa paulista, depois de uma série de movimentações iniciadas quando Lula passou a defender a candidatura de Haddad ao Palácio dos Bandeirantes. O nome para compor esse palanque sempre foi tratado como uma das escolhas pessoais do presidente, segundo fontes palacianas.